

O sistema literário no Século XX

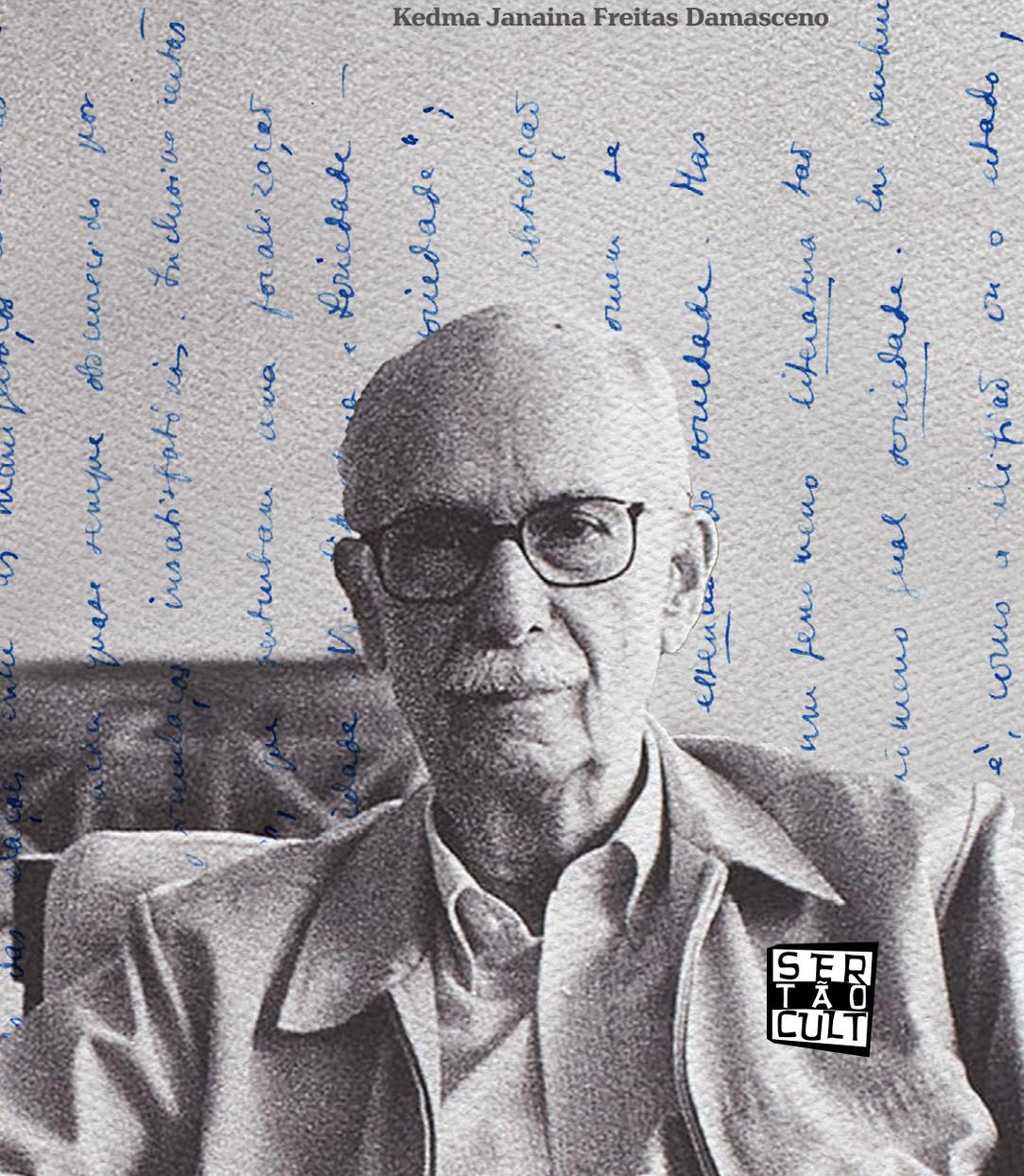
de Lima a Carolina

Organizadoras

Ana Amélia de Moura Cavalcante de Melo

Irenísia Torres de Oliveira

Kedma Janaina Freitas Damasceno



SER
TÃO
CULT



insabir.

ubam una paralizoges

Vj: Bihubua + Soviebabe -

que "no + toriebade";

se abtracas,

de

lo por

no ientro

a

1950

1950

O sistema literário no Século XX

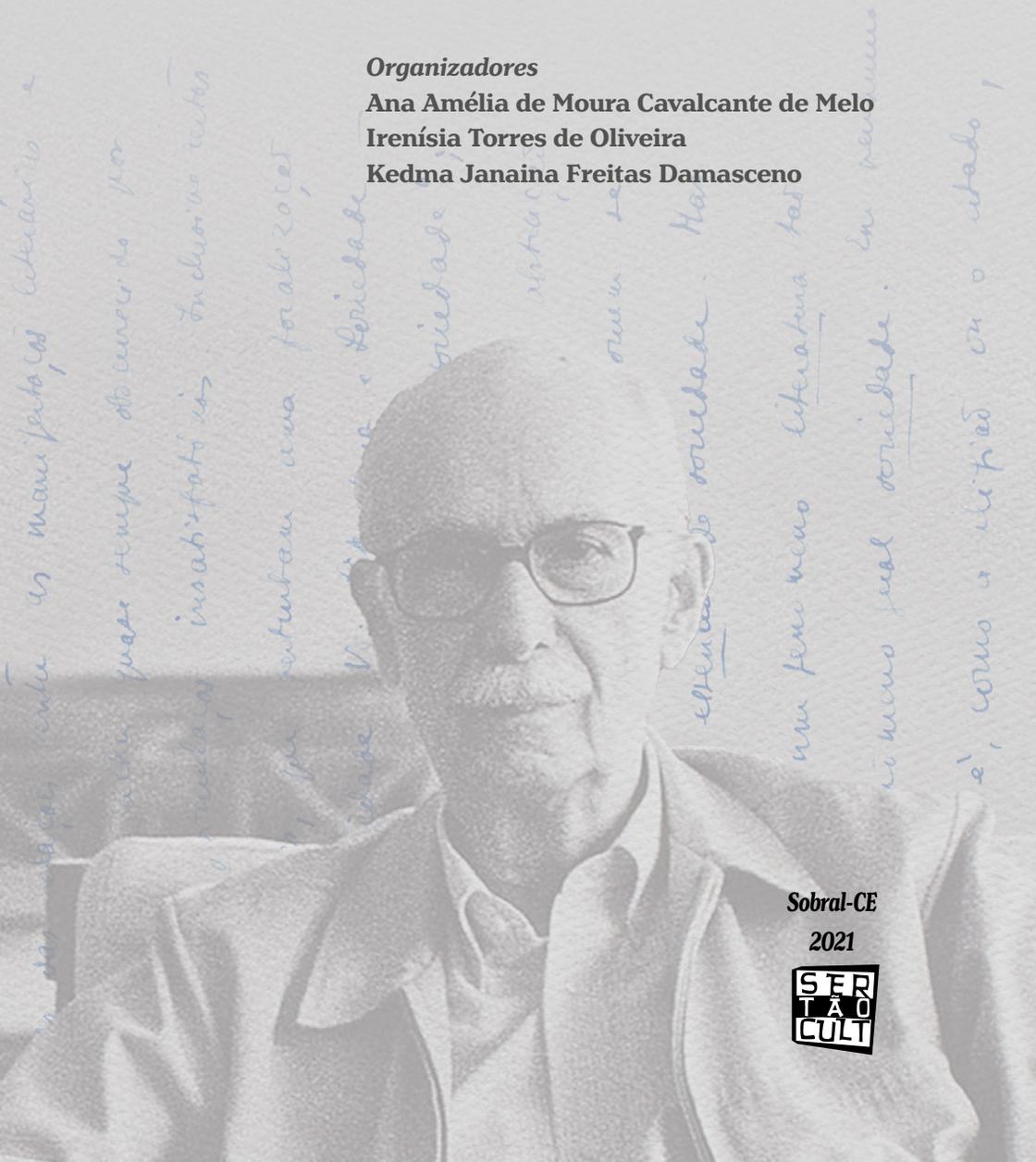
de Lima a Carolina

Organizadores

Ana Amélia de Moura Cavalcante de Melo

Irenísia Torres de Oliveira

Kedma Janaina Freitas Damasceno



Sobral-CE

2021





Gilda de Mello e Sousa e Antonio Candido
em fotografia de Bob Wolferson

O sistema literário no Século XX: de Lima a Carolina

© 2021 copyright by Ana Amélia de Moura Cavalcante de Melo, Irenísia Torres de Oliveira, Kedma Janaina Freitas Damasceno (ORGs.)

Impresso no Brasil/Printed in Brasil



Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1138
Renato Parente - Sobral - CE
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222
contato@editorasertaoacult.com
sertaoacult@gmail.com
www.editorasertaoacult.com

Coordenação Editorial e Projeto Gráfico

Marco Antonio Machado

Coordenação do Conselho Editorial

Antonio Jerfson Lins de Freitas

Conselho Editorial de História

Andréia Rodrigues de Andrade
Antonio Iramar Miranda Barros
Camila Teixeira Amaral
Carlos Augusto Pereira dos Santos
Cícero João da Costa Filho
Francisco Dênis Melo
Geranilde Costa e Silva
Gilberto Gilvan Souza Oliveira
João Batista Teófilo Silva
Juliana Magalhães Linhares
Raimundo Alves de Araújo
Regina Celi Fonseca Raick
Telma Bessa Sales
Tito Barros Leal de Pontes Medeiros
Valéria Aparecida Alves

Revisão

Danilo Ribeiro Barahuna

Diagramação

Francisco Taliba

Capa

Tarcísio Bezerra Martins Filho

Fotografias: montagem a partir de fotos de Antonio Candido (Bob Wolfenson), Lima Barreto (autoria desconhecida, 1910) e Carolina de Jesus (autoria desconhecida, compõe o acervo de Audálio Dantas)

Catálogo

Leolgh Lima da Silva - CRB3/967

S623 O sistema literário no Século XX: de Lima a Carolina. / Ana Amélia de Moura Cavalcante de Melo etc.(Organizadores). – Sobral, CE: Sertão Cult,2021.

258p.

ISBN: 978-85-67960-68-5 - papel
ISBN: 978-85-67960-67-8 - e-book - pdf
Doi: 10.35260/67960678-2021

1. História. 2. Literatura. 3. Literatura brasileira. I. Melo, Ana Amélia de Moura Cavalcante de. II. Oliveira, Irenísia Torres de. III. Damasceno, Kedma Janaina Freitas. IV. Título.

CDD 869.1



Este e-book está licenciado por Creative Commons

Atribuição-Não-Comercial-Sem Derivadas 4.0 Internacional

Sumário

DOI: 10.35260/67960678p.7-28.2021

UMA LIÇÃO DE RESISTÊNCIA QUANDO UM LIVRO NASCE! Apresentação dedicada à memória de Andressa Barbosa de Almeida 7

Adelaide Gonçalves

DOI: 10.35260/67960678p.29-62.2021

LIMA BARRETO E O SISTEMA LITERÁRIO NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX..... 29

Irenísia Torres de Oliveira (UFC)

DOI: 10.35260/67960678p.63-73.2021

EVOLUÇÃO E FORMAÇÃO DAS LITERATURAS LOCAIS 63

Rodrigo de Albuquerque Marques

DOI: 10.35260/67960678p.75-92.2021

VISTO POR DENTRO: UMA ANÁLISE DAS EDIÇÕES DE FORMAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA A PARTIR DE SEUS PREFÁCIOS..... 75

Rafaela Gomes Lima

DOI: 10.35260/67960678p.93-112.2021

FORMAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA E SUA COMPREENSÃO SOBRE O REGIONALISMO 93

Nabupolasar Alves Feitosa

DOI: 10.35260/67960678p.113-144.2021

O LUGAR DO ROMANCE DE 30 NA LITERATURA BRASILEIRA 113

José Wellington Dias Soares

DOI: 10.35260/67960678p.145-170.2021

O MOVIMENTO MODERNISTA NO RIO GRANDE DO SUL: SUAS CARACTERÍSTICAS E ESPECIFICIDADES 145

Ricardo Rodrigues Miranda

Irenísia Torres de Oliveira

DOI: 10.35260/67960678p.171-199.2021

AS REVISTAS NO SISTEMA LITERÁRIO: APONTAMENTOS SOBRE A REVISTA LITERATURA (1946-1948)..... 171

Ana Amélia de Moura Cavalcante de Melo

DOI: 10.35260/67960678p.201-207.2021

**UMA REFLEXÃO SOBRE O LUGAR DA LITERATURA POPULAR
NA HISTORIOGRAFIA LOCAL E NACIONAL..... 201**

Marcus Sales

DOI: 10.35260/67960678p.209-231.2021

O CONCRETISMO E O SISTEMA LITERÁRIO BRASILEIRO 209

Kedma Janaina Freitas Damasceno

DOI: 10.35260/67960678p.233-252.2021

**CAROLINA E O SISTEMA LITERÁRIO BRASILEIRO:
NOTAS SOBRE CLASSE E EXCLUSÃO..... 233**

Emanuel Régis Gomes Gonçalves

SOBRE AS ORGANIZADORAS..... 253

SOBRE OS AUTORES..... 255



EVOLUÇÃO E FORMAÇÃO DAS LITERATURAS LOCAIS

Rodrigo de Albuquerque Marques

O livro *Literatura e Sociedade*, publicado por Antonio Candido em 1965, reuniu artigos inéditos e outros já publicados, como capítulos autônomos em obras coletivas ou em periódicos nacionais e estrangeiros, saídos entre 1953 e 1961. *Literatura e Sociedade* esclarece e aprofunda tópicos da *Formação da Literatura Brasileira* (1959) ao verticalizar a discussão metodológica entre crítica literária e sociologia. O capítulo “A Literatura na Evolução de uma Comunidade” enfrenta o tema da evolução do sistema literário brasileiro numa escala menor, restrito apenas à cidade de São Paulo, indo ao cerne de uma questão muito difícil de abordar e que ainda hoje causa polêmica. Afinal, como tratar as literaturas locais e regionais sem isolá-las do contexto nacional?

Logo no início, Candido enfrenta o problema e, numa saída aparentemente simplória, faz pouco caso das discussões existenciais que sempre surgem quando se fala em literatura paulista, baiana, cearense etc.: “Se não existe literatura paulista, gaúcha ou

pernambucana, há sem dúvida uma literatura brasileira manifestando-se de modo diferente nos diferentes Estados” (CANDIDO, 2010, p. 147). A menção aos paulistas, pernambucanos e gaúchos não foi enumerativa, pois Candido selecionou regiões brasileiras de passados insurgentes: São Paulo (Revolução Constitucionalista de 1932); Pernambuco (Revolução de 1817 e Confederação do Equador de 1824) e o Rio Grande do Sul (República de Piratini, 1836 a 1845). Com esses exemplos, indicou que o seu estudo não caminharia por aí, pela semântica separatista, bairrista ou de retórica localista, destoando um pouco do número comemorativo do IV Centenário da Cidade do jornal *O Estado de S. Paulo*, de janeiro de 1954, no qual o trabalho apareceu pela primeira vez sob o título “Aspectos Sociais da Literatura em São Paulo”.¹

À opção de debater se existem ou não literaturas locais, afirmá-las ou negá-las apaixonadamente, o autor prefere vê-las apenas como brasileiras, sem negar, todavia, que as circunstâncias regionais promovem a diversidade nos âmbitos estético e social: “uma literatura brasileira manifestando-se de modo diferente nos diferentes Estados”. Tal consideração, a nosso juízo, afasta uma percepção maniqueísta do local e do nacional em favor de uma visão dialética da diversidade regional brasileira, propondo, nos limites da nação, o que havia proposto em termos mais gerais na *Formação da literatura brasileira*: uma síntese de tendências universalistas e particularistas². Ao afirmar o nacional quando trata de uma comunidade, Candido valoriza as peculiaridades históricas sem forjar um subsistema literário regional e acrescenta à formação da literatura brasileira um quadro que ilustra

1 Nesta edição comemorativa, diversas matérias celebravam o Quarto Centenário dos paulistas, falando de seus primeiros bandeirantes, da presença da Companhia de Jesus e de Anchieta, das artes plásticas na antiga Capitania de São Vicente, da história de seus institutos de ensino etc., intercaladas com páginas ao feitiço de reclame com slogans do tipo: “A maior riqueza de São Paulo é você”; “A cidade que mais cresce no mundo”; “Uma cidade sem fronteiras”; “Viva São Paulo!”. O artigo de Candido se encontra na página 154.

2 Ver a “Introdução” de *Formação da Literatura Brasileira* (CANDIDO, 1999).

o esforço dos brasileiros em ter uma literatura própria em diversos níveis. O que está em operação aqui é o conceito de nacional em sentido histórico, e não apenas atrelado a uma geografia específica³.

A questão formativa se encaminha metodologicamente na tentativa de historicizar a cidade de São Paulo, circunscrevendo-a aos movimentos dos seus intelectuais nos espaços de socialização da cidade da segunda metade do século XVIII ao início do século XX. A São Paulo megalópole, centro hegemônico do país, industrializada, não se apresenta aqui senão uma cidade interiorana, pequena, provinciana, quase um vilarejo, uma comunidade enfim.

Esta escala menor contextualiza-se com o conjunto mais amplo da configuração das microrregiões e das macrorregiões do país, sendo uma expressão cultural do projeto civilizatório em curso no Brasil, descrito em seu acúmulo de experiências. O título do ensaio aponta para o conceito controverso de “evolução”, muitas vezes tomado, numa leitura rápida, como afeito ao “evolucionismo social”. Não se trata, em absoluto, de um crescendo de uma literatura menor para uma literatura maior, em linha reta e irrefreável, mas sim de uma categoria que participa do campo teórico dos estudos de “formação”, estudos que vingaram com saldo positivo para a inteligência nacional na metade do século passado⁴. Caio Prado Júnior, por exemplo, inicia *Formação do Brasil Contemporâneo* (1942) exatamente discutindo os termos da “evolução de um povo”, dizendo ser possível, num intervalo longo de tempo, identificar linhas mestras num conjunto de fatos, desbastando este conjunto do “cipoal de incidentes secundários que o acompanham sempre e o fazem muitas vezes confuso

3 Para tentativas de conceituação de um subsistema literário, o leitor pode ler os ensaios “Uma reflexão sobre a formação regional” de Augusto Fischer (2010) e “Regionalismo e modernização como representações literárias” de Humberto Hermenegildo de Araújo.

4 Refiro-me aos trabalhos de Gilberto Freyre (*Casa Grande & Senzala*); de Sérgio Buarque de Holanda (*Raízes do Brasil*); Caio Prado Júnior (*Formação do Brasil Contemporâneo*) e Celso Furtado (*Formação Econômica do Brasil*).

e incompreensível, não deixará de perceber que ele se forma de uma linha mestra e ininterrupta de acontecimentos que se sucedem em ordem rigorosa, e dirigida sempre numa determinada orientação” (JÚNIOR, 2004, p. 19). “Evolução” cola-se a um período de longa duração que se observa histórica e criticamente com vistas a perceber o “sentido” (caminho) da formação de algum aspecto da ordem burguesa, no caso em tela, da literatura como fenômeno coletivo.

Para o propósito, Candido seleciona eventos-chaves para explicar o processo associativo da vida literária paulista, daí o critério utilizado não ser o do nascimento, ou seja, não basta ter visto a luz em São Paulo para figurar nas letras locais. No fundo, o meio físico não interessa por si, mas sim ter participado da vida social e espiritual da cidade: “Esta apresenta algumas características, e é compreensível que a sua influência marque literariamente os que nela vivem, de modo mais forte que as do lugar onde nasceram” (CANDIDO, 2010, p. 147).

O critério revive e revisa uma discussão de Sílvio Romero acerca de por quem deveria ou não ser composto o cânone nacional: se por brasileiros natos, mesmo erradicados do país, se por estrangeiros (portugueses) que viveram no Brasil e que aqui atuaram. O caráter revisional do pensamento de Antonio Candido, “tanto os que o tempo sustentou quanto os provincianos e fora do esquadro” – como apontou Roberto Schwarz (SCHWARZ, 1999, p. 48)–, também define a abordagem sociológica do tema. À medida que São Paulo se desenvolvia, mais complexas e intensas eram as atividades em torno da literatura e mais abrangente a recepção destas mesmas atividades, o movimento do público e dos produtores crescia ou diminuía organicamente.

Se a participação na vida social paulista é usada para definir nomes e obras, é a recepção, entendida não só como leitura das

obras, como também da interação da comunidade com os grupos literários, que definirá as fases da literatura em São Paulo. Essas fases informam melhor a ideia de “evolução” e delineiam igualmente qual parte da história da cidade interessa. Candido, diferentemente do que realizou em a *Formação da Literatura Brasileira*, não analisa demoradamente uma obra ou um autor, nem se detém em narrativas ou poemas para extrair um “paulistanismo” ou “paulistanidade”, adensa as argumentações no campo sociológico e historiográfico para traçar as relações da cidade com a vida literária, que evolui de um menor grau de receptividade até um maior, em círculos sociais cada vez mais largos à medida que a cidade se desenvolve, que o faz concluir ao final de tudo: “Há uma história da literatura que se projeta na cidade de São Paulo; e há uma história da cidade de São Paulo que se projeta na literatura” (CANDIDO, 2010, p. 175).

Essa evolução assume aparentemente uma marcha progressiva, desde manifestações literárias singelas, vinculadas à celebração de feitos políticos e datas comemorativas provincianas, passando por repúblicas de estudantes da Faculdade de Direito até um movimento que altera profundamente a *intelligentsia* nacional, tudo isso acompanhado da evolução da própria cidade. Todavia, vista em nuances, aquilo que pode representar um avanço sob determinado ângulo articula, noutro plano, um recuo ou expressão meramente localista.

Antonio Candido identifica ao todo cinco etapas, relegando os eventos esporádicos atrelados ao poder municipal, ainda do século XVIII, a frágeis manifestações literárias. A primeira etapa propriamente dita, por sua vez, corresponde a um momento bem inicial de associação entre intelectuais de províncias distintas que comungam de valores tradicionais da região paulistana, ligados por certo parentesco, daí o adjetivo “virtual”. A cidade, neste momento,

não reunia condições de manter uma sociabilidade em torno de atividades desta ordem, mais um indício de que o elemento físico, puramente geográfico, não determina a literatura como fenômeno coletivo de uma determinada circunscrição histórica. Quanto a uma avaliação crítica dos escritos, Candido os julga como tendo um acento paulistano simbólica e intelectualmente pouco elaborados. Poderíamos resumir assim este momento:

| | Interação com a cidade | História da Cidade | Julgamento crítico |
|---------------|--|--|---|
| Fase 1 | Grupo Virtual - Comunhão de valores tradicionais da comunidade | Não há condições para a vida organizada da inteligência (século XVIII, segunda metade) | vago esboço, pouca elaboração simbólica e intelectual |

Na próxima fase, bem semelhante à primeira, já encontramos um grupo real, agindo na cidade, mas bastante reduzido ao universo da Faculdade de Direito de São Paulo, índice civilizatório de uma nova etapa. Embora demograficamente integrado, o grupo segue como se estrangeiro à sua própria terra, sem forças, todavia, para uma expressão original.

| | Interação com a cidade | História da Cidade | Julgamento crítico |
|---------------|---|---|--|
| Fase 2 | Grupo Real - Demograficamente integrado, mas alheio ao espírito da cidade | Surgimento da Faculdade de Direito (1827) | Antecipa algumas tendências que floresceriam posteriormente, como o indianismo, estabelecia uma tradição |

Nas fases 1 e 2, a evolução se percebe na passagem do “virtual” para o “real”, da falta de qualquer ambiente literário para um Faculdade onde se reuniam jovens interessados na cultura letrada. No entanto, em ambas, a cidade permanecia alheia, no sentido de não repercutir ou sequer notar a presença de tal movimentação. Há, nestas etapas, uma correspondência proporcional entre a comunidade e a literatura (entendida como fenômeno coletivo), harmonia

incapaz de gerar contradições significativas e transformadoras para o campo literário.

Para a próxima etapa, a Faculdade de Direito do Largo de São Francisco permanecerá como centro irradiador ativo das atividades literárias. A diferença agora se notava na atitude da comunidade que, se não era totalmente interessada, já se aproximava do grupo, como ocorre na *composição de palavras* por *justaposição*, em que os elementos ou palavras permanecem preservados, sem alterações ortográficas ou sonoras, mas que, postos lado a lado, atingem um significado comum. Com isso, quero dizer que o conjunto social por contiguidade intervinha no *animus* e na produção dos jovens das associações estudantis. Nesta moldura, o Romantismo caía bem, servindo de estímulo para uma “atmosfera de exceção”:

[...] o Romantismo facilitou a constituição autárquica do corpo acadêmico, fornecendo-lhe uma ideologia adequada, pelas três vias em que se manifestou aqui: nacionalismo indianista, sentimentalismo ultrarromântico, satanismo. O primeiro, menos que os outros; o terceiro, mais do que todos (CANDIDO, 2010, p. 162).

O Satanismo se destacava como força marcante daquela justaposição por alimentar “uma ideologia de revolta espiritual, de negação de valores comuns, de desenfreado egotismo”.

| | Interação com a cidade | História da Cidade | Julgamento crítico |
|---------------|--|---|---|
| Fase 3 | Grupo justaposto - atmosfera espiritual altamente condutora, que segrega o grupo da comunidade (1840 a 1870) | Corpo estranho na pequena cidade, surgimento de grêmios e repúblicas estudantis | Aspectos satânicos do Romantismo se casam perfeitamente a estas condições |

Na terceira fase, diferentemente das duas primeiras, a harmonia entre a comunidade e o grupo começa a apresentar dissonâncias, insuficientes para posicioná-las em lados opostos, mas também

insuficientes para aglutiná-las. Essa justaposição gerou consequências positivas para a fatura literária e para o amadurecimento do meio literário na cidade de São Paulo.

Se até aqui percebemos um movimento resistente de dentro para fora, do grupo para a comunidade, com um vetor direcionado do Largo de São Francisco para fora dele, na fase seguinte, é a comunidade que absorve o reduto literário da Faculdade de Direito, acompanhando o crescimento exponencial de São Paulo entre 1890 e 1910. Outros grupos sociais se apresentam e a literatura não fica mais tão dependente dos estudantes:

No lapso corrido desde o decênio transformador de 1870, deu-se um processo decisivo: a literatura é absorvida pela comunidade – antes impermeável a ela – e deixa de ser manifestação encerrada no âmbito de um grupo multifuncional, ao mesmo tempo produtor e consumidor. Formou-se um público, e se não a profissão de escritor (cuja primeira associação se esboça aqui pouco antes de 1890), certamente uma atividade literária que não mais depende de um só grupo, recrutando os seus membros em vários deles (CANDIDO, 2010, p. 166).

A consequência dessa integração numa sociedade de classe foi um ajuste do hermetismo literário estudantil para as convenções do gosto e da inteligibilidade de uma elite, difundidas pelo prestígio social a outras classes. A volta a uma relação de equilíbrio entre a comunidade e as atividades literárias, embora aumentando o público leitor e diversificando os seus produtores e o seu poder de comunicação, resultou naquilo que Candido chamou de literatura convencional, de permanência, sem angústia formal, mas que preparou a chegada da iconoclastia modernista de São Paulo, outro exemplo de como o conceito de evolução se distancia do evolucionismo social ou ainda

da famosa crítica feita por Haroldo de Campos em *O Sequestro do Barroco na Formação da Literatura Brasileira: O Caso Gregório de Mattos* (1989)⁵.

| | Interação com a cidade | História da Cidade | Julgamento crítico |
|---------------|---|----------------------------------|---------------------------|
| Fase 4 | Grupo absorvido pela comunidade (1890 a 1910) | Aumento da densidade demográfica | Literatura Convencional |

Por fim, a última etapa deste percurso desemboca num rompimento dos intelectuais envolvidos e a comunidade. A situação de plena adesão da literatura com a ordem social limitava os novos impulsos e impedia o desenvolvimento de ideias que ampliavam o interesse estético para além do espírito beletриста vigente. A literatura se descola da província e ganha uma repercussão que lhe proporciona caminhar independente da recepção local, deixa, por fim, de ser paulista. A história da cidade não mais comparece como fator decisivo para o fazer literário da região.

| | Interação com a cidade | História da Cidade | Julgamento crítico |
|---------------|----------------------------------|--------------------------------|--|
| Fase 5 | Grupo se desprende da comunidade | Semana de Arte Moderna de 1922 | Procura alargar o âmbito da criação artística, englobando os aspectos recalcados da sociedade e da cultura nacional - Modernismo |

5 "Noutro passo, Haroldo de Campos supõe que o autor, porque estudou uma formação nacional, é nacionalista, obedecendo a 'um ideal metafísico de entificação do nacional'. Por isso mesmo, seria prisioneiro das ilusões da *origem* e da *evolução linear*, que segundo a filosofia de Jacques Derrida acompanham a posição mencionada. Ora, a despeito da autoridade do filósofo, nada mais distante da realidade, pois Antonio Candido pertence à geração universitária que notoriamente criticou o nacionalismo e seus mitos, dando uma explicação materialista e sóbria da formação nacional, alheia à patriota. [...]. Quanto à linearidade do esquema, o próprio da análise estrutural praticada no livro é justamente a exposição *articulada*, oposta à linha evolutiva simples. Assim, por exemplo, a busca romântica de diferenciação nacional aparece como frequentemente inócua, além de filiada às expectativas europeias do pitoresco. Ao passo que o universalismo arcádico aparece como capaz de configurar singularidade e perplexidades históricas de maneira superior. Onde a visão linear?" (SCHWARZ, 1999, p. 61 e 62).

Terminado o percurso, resta o nacional e quase nada da província, que fica como fator explicativo de como em São Paulo nasceu uma proposta de abrangência nacional.

A questão que se coloca é se o modelo proposto por Antonio Candido serve genericamente para outras cidades brasileiras, pelo menos no que diz respeito a etapas de desenvolvimento das atividades literárias, mesmo que necessariamente não desemboque em uma elaboração tão radical quanto o Modernismo. Claro que aproximações podem ser realizadas sem muitos prejuízos, por exemplo, no caso da literatura cearense encontramos grupos muito parecidos aos descritos em São Paulo: os Oiteiros (Manifestação Literária), a Academia Francesa (Grupo Real), Padaria Espiritual (Grupo justaposto) e Academia Cearense (Grupo absorvido pela comunidade); no entanto, o exame das particularidades históricas de Fortaleza apresentará nuances diferentes que dizem muito das nossas diferenças regionais. O princípio a ser preservado consiste, portanto, na valorização da investigação histórica, ponto muito caro aos estudos de literaturas mais localizadas, pois as circunstâncias locais importam muito para uma visão mais precisa das dinâmicas regionais, sem cair em generalizações ou disputas por pioneirismos infantis.

Outro princípio a servir de parâmetro para uma historiografia local é o caráter empenhado dos intelectuais da província para se integrar ao restante da Nação. A princípio, a história desses intelectuais parece caminhar e se desenvolver de forma autônoma, independente dos centros hegemônicos ou de outros periféricos, mas chega um momento que o dado local perde o sentido e desaparece por fim para ingressar em definitivo no sistema literário nacional, demonstrando que seus esforços, vistos no corpo da Nação, não passavam de uma cena de uma peça maior já concluída.

O ensaio “A Literatura na Evolução de uma Comunidade” consegue resumir as categorias principais de a *Formação da Literatura Brasileira*: sistema literário, nacional x universal, formação, literatura empenhada, ao mesmo tempo em que as articula em uma comunidade menor. Restam, por fim, princípios e subsídios teóricos para uma ampla revisão das historiografias regionais que tanto interesse ainda geram Brasil afora.

Referências

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. Regionalismo e modernização como representações literárias. *In*: XI CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 2008, São Paulo, SP. **Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC**: Tessituras, Interações, Convergências. São Paulo, SP, 13 a 17 de julho de 2008. Disponível em: https://abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/040/HUMBERTO_ARAUJO.pdf. Acesso em: 29 mar. 2021.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2010.

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira (momentos decisivos)**. 9ª edição. Belo Horizonte - Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 2000.

FISCHER, Augusto. Uma reflexão sobre a formação regional. *In*: ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de; OLIVEIRA, Irenísia Torres de (Orgs.). **Regionalismo, Modernização e crítica Social na Literatura Brasileira**. São Paulo: Nankin, 2010.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo**. 24ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

SCHWARZ, Roberto. **Seqüências Brasileiras**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1999.



Este livro foi composto em fonte Adobe Garamond Pro, impresso no formato 15 x 22 cm em pólen 80 g/m², com 258 páginas e em e-book formato pdf.
Impressão e acabamento: Gráfica Bueno Teixeira
outubro de 2021.

**Saiba como adquirir o livro
completo no site da SertãoCult**

www.editorasertaocult.com

Editora

**SER
TÃO
CULT**

Em defesa do livro livre! Esse o mote de entrada para começar esta prosa, assinalando em maiúscula e com a letra encarnada o que-fazer do Núcleo Antonio Candido de Estudos Literatura e Sociedade, na Universidade Federal do Ceará, espreado-se para fora do limite da burocracia institucional e das exigências da ideologia do produtivismo. Se Irenísia Torres e Ana Amélia Cavalcante são suas principais animadoras, fazem-no com a camaradagem de pendor socialista acolhendo sem assimetrias aos estudantes, colegas professores e pesquisadores de distintas áreas do conhecimento. Esta publicação, ao modo de Colefânea de estudos e pesquisas, é uma sementeira do citado Núcleo. Um Tributo a Antonio Candido é também como se pode ler este livro. Nos diversos capítulos, vamos encontrar fulgurações de seu pensamento, não como uma interessada e certificadora referência, mas como um luminoso ponto de partida ou de indagação no novelo das pesquisas. O que é certo é que a leitura anotada à margem, dialogada em sala de aula ou como fruição e partilha do pensamento, motivaram os estudos donde partiu a anotação, a pergunta, a dúvida, o diálogo frutuoso.

